

INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO

MINAS — BRASIL

RIO PARDO DE MINAS

* 19-11-1934



BELO HORIZONTE - MG

† 14-11-1966

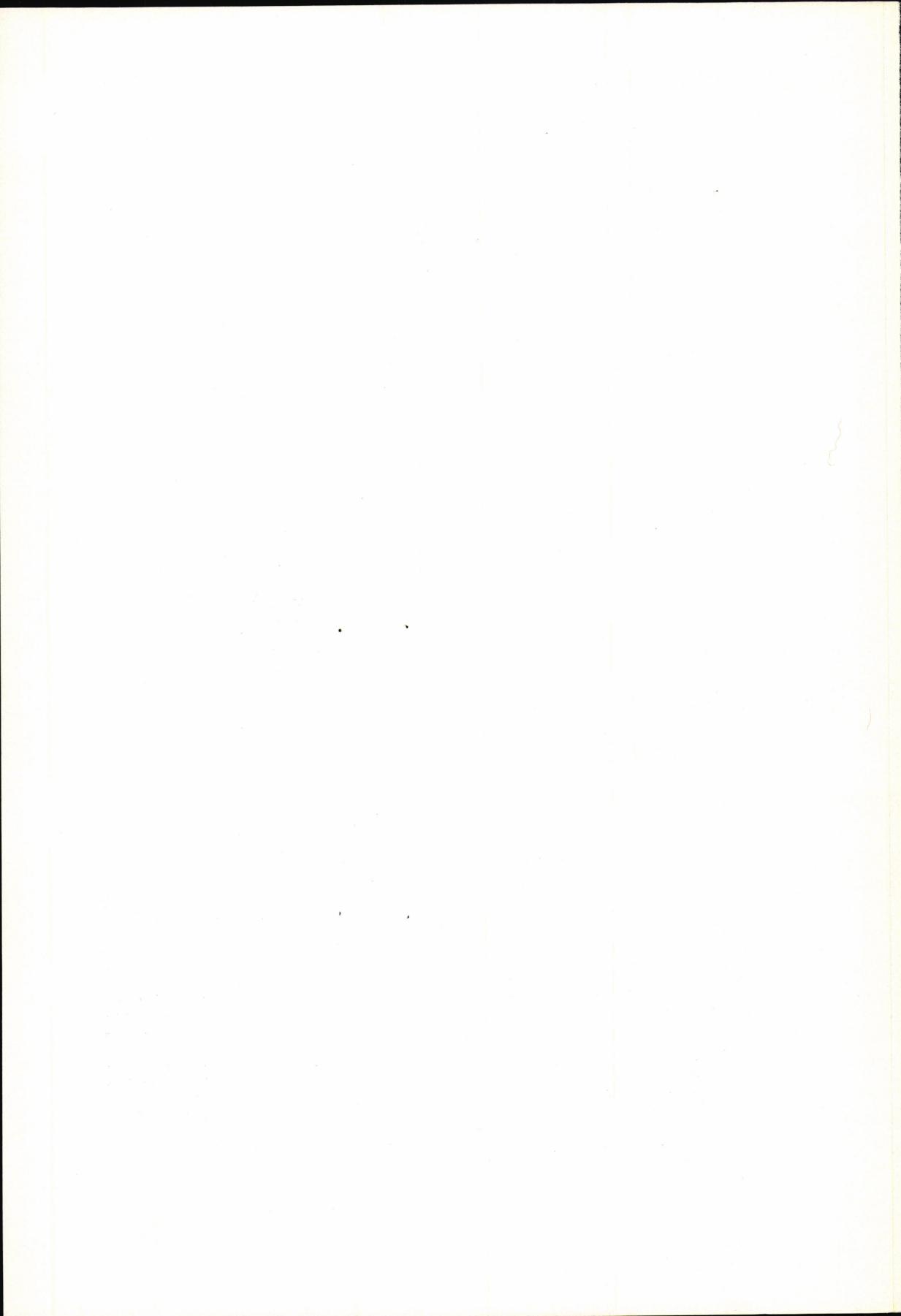
Clérigo Secílio Sales de Sousa

Nasceu o Clérigo Secílio Sales de Sousa na vila de Serra Nova, distrito da cidade de Rio Pardo, diocese de Montes Claros. Seu pai casara-se duas vezes. Eram do primeiro matrimônio 13 (treze) filhos e do segundo 7 (sete), sendo Secílio o quarto.

Chamava-se seu pai Rosalvo Lima de Sousa e sua mãe Clemência Sales de Sousa. Ficara órfão de mãe aos cinco anos e de pai aos nove. Foram distri-buídos os irmãos menores pelos irmãos maiores velhos. Ele e seu irmão Joaquim de onze anos, foram acolhidos pelo seu irmão Mancel, que morava em Espinosa. Aí fizeram os dois, os estudos no grupo escolar. A diretora, Da. Aracy Sepúlveda, que era cooperadora salesiana, arranjou lugar para eles no nosso aspirantado de Pará de Minas. Veio primeiro o Joaquim, depois o Secílio, em 1949. Obteve a nota nove no grupo. Em Pará começou seu ginásio com esforço e boa vontade e o terminou em São João del-Rei. Mostrando-se piedoso, bom gênio, e desejando ser salesiano, em 1954 pediu e foi aceito no noviciado, onde entrou, em Barbacena, no dia 31 de janeiro de 1956. Findo o noviciado e feita a profissão trienal, seguiu para São João del-Rei a fim de cursar a Filosofia. Terminado o curso filosófico, renovando seus votos trienais, foi destinado ao Colégio Dom Helvécio de Ponte Nova (MG), como professor e assistente dos maiores, em 1960. Cumpridor de seus deveres, ótimo assistente, muito querido dos seus alunos. Aí repetiu os votos trienais.

Em meados de 1961, inopinadamente, durante a noite, veio-lhe uma hemorrágia com vômitos sanguíneos que nos pôs a todos alarmados. Foi ao hospital e os médicos de Ponte Nova acharam mais prudente, mandá-lo para Belo Horizonte. Entregue ao nosso dedicado enfermeiro, Sr. Lanna, que foi para ele, como para todos os doentes, o anjo tutelar, aqui foi constatada varizes no esôfago. Foi feita a operação, mas, a doença que o molestava mais, era a esquistosomose, que lhe havia invadido o baço e a vesícula biliar. Nova operação sendo-lhe tirados os dois órgãos. Com um trato constante, melhorou e começou a trabalhar, até dando algumas aulas e assistindo os semi-internos. Em 1965 foi novamente internado e tiveram que operar novamente as varizes. Melhorando o Dr. João, seu médico, o levou para o Hospital-Escola "Cruz Vermelha", onde podia vê-lo diariamente. Com tratamentos especiais conseguiu erguer-se, voltou ao colégio, mas em 1966, sentindo-se mal, foi novamente para a "Cruz Vermelha", de onde mais não voltou. Seu estado foi piorando, até que no dia 14 de novembro de 1966, entregou generosamente sua alma de mártir ao Senhor, tendo sido por cinco anos a bênção para o nosso Liceu, porque como dizia Dom Bosco, os doentes são uma bênção para uma casa salesiana.

Veio seu corpo para o Liceu, onde foi velado pelos salesianos, alunos, ex-alunos, e senhoras Irmãs representantes do Colégio Pio XII, Barreiro e Externato.



As 16 horas celebrou a missa de corpo presente o Pe. Antônio Balarini, após a qual saiu o féretro para a necrópole de Bonfim. Ao baixar o corpo ao túmulo falou o Pe. Alcides Lanna, saudando o herói do sofrimento, lembrando que ali naquele túmulo estava agora completa a representação da família salesiana: Pe. Américo, Cl. Secílio e o Ccadj. José Anastácio.

Era o Secílio um clérigo virtuoso e por isso, quando assistente em Ponte Nova, pude observar, como seu diretor, a estima que os alunos tinham dele. No aspirantado, no noviciado, na filosofia, era muito querido dos companheiros e como era do norte de Minas, chamavam-no carinhosamente de "Baianinho".

Sua característica aqui no Liceu era a de ser prestativo. Quando chegava um salesiano de fora no Liceu, ia logo preparar-lhe um quarto e providenciar-lhe a refeição, se ainda não a havia feito. Era de uma paciência e conformidade a toda prova. Neste seu prolongado purgatório de cinco anos, não se ouviu de seus lábios, um lamento, uma impaciência. Quase diariamente eu lhe fazia uma visita no hospital e lhe perguntava: — "Como vai, Secílio?" A resposta era sempre a mesma: — "Mais ou menos".

Os companheiros que estavam com ele no quarto, ao receberem alta saiam pesarosos por deixar a companhia daquele seminarista tão bom. Fazia ali um apostolado, rezando com eles o terço, dando-lhes instruções claras da religião, consolando os desenganados, com indicar-lhes o céu que os esperava.

Meus caros irmãos, peçamos a Deus que mande à nossa Inspetoria clérigos virtuosos como o Secílio e veremos chover sobre ela as bênçãos de nosso Pai Dom Bosco. Foi um recruta que tombou, morrendo jovem, mas deixou uma longa vida de virtudes, como diz a Escritura — "Consummatus in breve, explevit tempora multa".

Rezando pelo nosso saudoso Secílio, peço a meus irmãos lembrem com uma Ave Maria dêste, que muito bem lhes quer.

Pe. ALCIDES LANNA COTTA

